



CAPÍTULO 3

RECURSOS SOCIOCOMUNICATIVOS UTILIZADOS POR BEBÊS NA CRECHE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.301112612013>

Thamisa Sejanny de Andrade Rodrigues

Universidade Federal de Sergipe (UFS)
São Cristóvão - SE

<https://lattes.cnpq.br/4674542066288284>

Tacyana Karla Gomes Ramos

Universidade Federal de Sergipe (UFS)
São Cristóvão - SE

<https://lattes.cnpq.br/8613836191193344>

RESUMO: O presente artigo tem por finalidade analisar os recursos sociocomunicativos não verbais que os bebês utilizam para demonstrar sua participação social em atividades pedagógicas que lhes foram propostas. Os sujeitos da investigação são quinze crianças, com idades entre seis e vinte meses, integrantes do agrupamento etário denominado de berçário I de uma instituição municipal de Educação Infantil da cidade de Aracaju/SE. Os dados foram gerados por meio de uma pesquisa-intervenção, com o apoio de recursos como fotografias, registros em notas de campos e descritos em situações interativas. A participação social das crianças foi observada durante seis atividades pedagógicas planejadas e dirigidas pela pesquisadora, realizadas semanalmente. Foi possível verificar que os recursos sociocomunicativos frequentemente utilizados pelos bebês para demonstrar seus interesses pelas propostas que lhes foram dirigidas foram o direcionamento do olhar, seguido do uso do corpo em movimentos, gestos, posturas, sorrisos e rápidas vocalizações. Os resultados se coadunam com dados de outras pesquisas que confirmam a potência sociocomunicativa dos bebês e desvelam seu protagonismo social nas (re)ações em que expressaram suas preferências ou rechaçaram as práticas pedagógicas que

lhes foram dirigidas e a importância do docente que atua com bebês de modo a reconhecer a participação social das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Práticas Pedagógicas. Berçário da Creche.

SOCIO-COMMUNICATIVE RESOURCES USED BY BABIES IN DAYCARE AND THEIR IMPLICATIONS FOR TEACHER TRAINING

ABSTRACT: This article aims to analyze the nonverbal sociocommunicative resources that babies use to demonstrate their social participation in proposed pedagogical activities. The subjects of the investigation are fifteen children, aged between six and twenty months, belonging to the age group called nursery I of a municipal Early Childhood Education institution in the city of Aracaju/SE. The data were generated through an intervention-research, with the support of resources such as photographs, field notes, and descriptions in interactive situations. The children's social participation was observed during six pedagogical activities planned and directed by the researcher, carried out weekly. It was possible to verify that the sociocommunicative resources frequently used by the babies to demonstrate their interest in the proposed activities were the direction of their gaze, followed by the use of their bodies in movements, gestures, postures, smiles, and rapid vocalizations. The results are consistent with data from other research that confirms the socio-communicative power of babies and reveals their social protagonism in the (re)actions in which they expressed their preferences or rejected the pedagogical practices directed at them, and the importance of the teacher who works with babies in order to recognize the social participation of children.

KEYWORDS: Early Childhood Education. Pedagogical Practices. Nursery.

INTRODUÇÃO

Os estudos acerca das potencialidades educativas dos bebês vêm se consolidando ao longo das últimas décadas no Brasil. Os resultados de pesquisas das mais diferentes áreas, especialmente da Sociologia da Infância e da Psicologia do Desenvolvimento, têm permitido considerar a criança como sujeito ativo, com diferentes capacidades sociocomunicativas para se relacionar, participar de eventos culturais, criar e recriar significados, mesmo sem ter a linguagem oral consolidada.

Ao trazer a perspectiva da criança, enquanto sujeito de direito, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, 2009) legitimam a presença desses sujeitos nas instituições educativas, pelos benefícios que essas experiências

podem lhes proporcionar. Assim, muito mais que promover o acesso de bebês ao ambiente escolar, as Diretrizes reforçam a necessidade de garantir a sua função sociopolítica e pedagógica, proporcionando abordagens pedagógicas que respeitem as especificidades das crianças dessa faixa etária.

Nessa linha de proposições, a formação docente para atuação com bebês prescinde de conhecimentos especializados que ultrapassem a responsabilidade de cuidar da saúde e do bem-estar físico das crianças. Exige disponibilidade e formação para as especificidades dessa faixa etária contemplando conhecimentos teóricos, metodológicos, éticos e relacionais que o permitam compartilhar, acolher, observar, escutar e compreender os desejos e motivações para aprender dessas crianças.

Diante desse contexto, a questão central que motivou a construção deste estudo pode ser explicitada da seguinte maneira: quais os modos de participação social da criança em atividades pedagógicas que lhes são propostas? Assim, o objetivo deste artigo é analisar os recursos comunicativos não verbais que os bebês utilizam para demonstrar sua participação social em práticas pedagógicas planejadas e suas implicações para a formação docente.

Considerando os modos de participação social dos bebês como foco deste estudo, as análises apresentadas priorizam reflexões sobre a importância de promover estratégias e metodologias participativas que valorizem as ações dos bebês, além de reconhecer, por meio da descrição dos recursos sociocomunicativos, a potência dos bebês nas práticas pedagógicas que lhe são propostas, permitindo ao adulto uma escuta ética e atenta, possível de influenciar as práticas pedagógicas que lhe são dirigidas.

Considerando a necessidade de planejamento adotada neste estudo, como processo da intervenção pedagógica, partimos de um mapeamento de estudos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), sobre a participação dos bebês nas atividades propostas pelo professor na creche, de modo a analisar as mudanças implementadas. Para fins deste estudo foi realizada uma busca das produções e a leitura de título, resumo e palavras-chave. Como critérios de inclusão, considerou-se a publicação entre os anos de 2015 e 2025. Foram excluídos os trabalhos que não tratavam da participação dos bebês no contexto da creche.

Em uma primeira busca na BDTD foram utilizadas as palavras-chave formação docente and bebês and recursos sociocomunicativos, mas não foi possível localizar nenhum estudo. Por esse motivo, optou-se pela utilização das seguintes palavras-chave: formação docente and bebês and creche and participação social. Foram encontrados um total de 16 trabalhos, dos quais 4 se relacionam com o objeto deste estudo e dois foram elencados como base por terem mais aproximação com os aspectos da formação docente.

A dissertação de Silva (2017) buscou analisar as formas de participação social dos bebês nas práticas cotidianas vivenciadas no contexto de uma creche municipal e de que modo eram concebidas por suas professoras como participação. Os resultados da pesquisa apontam para diversos recursos sociocomunicativos que indicam a participação social dos bebês no cotidiano da creche, contudo eram ações invisibilizadas pelos docentes, que se dedicavam a observar as participações das crianças somente em atividades consideradas pedagógicas.

Já o estudo de Barboza (2021) buscou compreender como os bebês dão continuidade ao processo de formação humana em um contexto de vida coletiva. A pesquisadora indicou como resultados da pesquisa que os bebês, mesmo na tenra idade, dão continuidade ao seu processo de formação humana na creche. E, dentre outros elementos apontados, a pesquisadora elenca de modo conclusivo a importância de reconhecer as diferentes linguagens utilizadas pelos bebês para comunicar seus desejos.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza qualitativa em que os dados foram gerados a partir da intervenção pedagógica (Damiani et. al, 2013) realizada durante o estágio supervisionado do curso de Pedagogia, por meio da observação participante, de fotografias, registros em diários de campos e descritos em situações interativas. Segundo Damiani et. al (2013), a pesquisa do tipo intervenção pedagógica é definida com um conjunto de investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências, que promovam avanços em um determinado contexto e posterior avaliação dessas interferências. Ou seja, trata-se de uma pesquisa aplicada e implicada.

Este estudo foi realizado em um contexto de educação coletiva de creche, situada na cidade de Aracaju/SE. Foram observadas doze atividades pedagógicas planejadas e dirigidas pela pesquisadora, realizadas semanalmente, na sala de referência dos bebês. Os sujeitos da investigação são quinze crianças, com idades entre seis e vinte meses, integrantes do agrupamento etário denominado de berçário I, duas professoras e duas auxiliares. Importante destacar que os cuidados éticos foram tomados ao longo de toda a investigação, para além da autorização formal no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (nº CAAE 0211.0.107.000-11).

De modo a captar os recursos sociocomunicativos utilizados pelos bebês durante as práticas pedagógicas, utilizamos das fotografias como recurso privilegiado para captar as ações das crianças. Após análises iniciais, reunimos as situações interativas para a análise, que foram também trianguladas com registros em diário de campo, observações e descrição das situações interativas.

O uso da fotografia permitiu uma análise mais detalhada das interações que aconteciam durante as atividades propostas. Para Guimarães (2011, p. 107), “o ato de fotografar congela momentos, recorta o fluxo da história, constrói uma possível versão dela. O olho da câmera produz realidades diferentes das que o olho do pesquisador poderia capturar sozinho”.

Nesse sentido, a preocupação estava em utilizar um instrumento que expressasse da melhor forma as respostas das crianças às atividades, já que, por razão da idade, ainda não se expressam por meio de palavras e frases estruturadas. Dessa forma, complementa Guimarães (2011, p.110 e 111) “a fotografia funciona como encontro entre não verbal e verbal, o que mostra como rico recurso na pesquisa com bebês que estão na fronteira entre a comunicação e a expressão pelo corpo e pelas sensações”.

A construção dos registros fotográficos se deu a partir das relações estabelecidas com as crianças, entre elas e seus pares, e entre as crianças e os brinquedos disponíveis. Também foram efetuados registros de atividades individuais das crianças. As fotografias foram tiradas na sequência em que aconteciam as interações, a partir das atividades dirigidas às crianças. Dessa forma, foi se constituindo um banco de dados que permitiu que, posteriormente, agrupássemos as figuras em momentos que nomeamos como situações interativas.

Os resultados deste estudo se coadunam com dados de outras pesquisas que confirmam a potência sociocomunicativa dos bebês e desvelam seu protagonismo social nas (re)ações em que expressaram suas preferências ou rejeitaram as práticas pedagógicas que lhes foram dirigidas.

RECURSOS SOCIOCOMUNICATIVOS DE BEBÊS EM SITUAÇÕES INTERATIVAS NA CRECHE

As pesquisas mais recentes acrescentam o fato de que os bebês foram durante muito tempo considerados seres incapazes de realizar atividades planejadas pelo educador, cabendo a este apenas o cuidado às necessidades básicas como alimentação, higiene, saúde, etc. Entretanto, os estudos realizados a partir da perspectiva da Sociologia da Infância trouxeram um novo olhar sobre a criança e a sua infância na sociedade. A criança passa a ser vista como um ator social, cidadão com direitos e capacidade para exercê-los (Belloni, 2009).

A instituição de Educação infantil, como espaço educativo e de socialização dos bebês, é apontada como um ambiente propício ao desenvolvimento de atividades pedagógicas em parceria com as crianças (Delgado e Muller, 2005). Nesse sentido, surge a necessidade de se analisar de que forma ocorre a organização dessas atividades e como se dá a participação dos bebês.

Nesse sentido, as interações são elementos bastante apontados nas pesquisas sobre crianças pequenas em ambientes pedagógicos (Ramos, 2006; 2010). Isso ocorre principalmente nos processos comunicativos, em que as crianças se utilizam de diferentes linguagens e interagem de diferentes maneiras (Elmor, 2009). A mediação do adulto, nesse caso, é reconhecida como fundamental no processo de construção de um ambiente socializador que respeite as “falas” dos bebês (Guimarães, 2011).

Pesquisadores (Elmor, 2009; Ramos, 2006; 2010, por exemplo) apontam para a necessidade de se observar e ouvir as crianças, porque mesmo antes da construção de uma comunicação verbal estruturada, elas já são capazes de expressar suas ações através de uma comunicação não verbal realizada por gestos, sorrisos, choros, etc.

Segundo Tristão (2005, p. 39), “as profissionais que trabalham com bebês nas instituições de educação infantil devem alfabetizar-se nas diferentes linguagens das crianças pequenas, buscando entendê-las e, de certo modo, ouvi-las”. Dessa forma, quanto mais a professora possibilitar momentos de interação e comunicação com/entre as crianças, maior qualidade terá o seu trabalho e, consequentemente, as ações pedagógicas serão mais bem compreendidas e aceitas por elas.

O aumento significativo de bebês em espaços de educação coletivos, revelam a necessidade de construir ambientes que permitam o atendimento qualificado aos bebês, considerando suas especificidades e potencialidades. Além disso, apesar de termos alcançado os marcos legais necessários para a efetivação da creche enquanto espaço educativo, ainda buscamos superar o estigma de creche enquanto instituição assistencialista e de guarda de crianças (Kuhlmann, Jr., 2015).

A potência dos recursos sociocomunicativos dos bebês durante as práticas pedagógicas

De modo a apresentar os resultados do estudo, dividimos os encontros sociais ocorridos por meio das interações entre pesquisadora e bebês em ações organizadas dentro de uma sequência temporal – que denominamos de **situações interativas**. Neles, descrevemos as relações estabelecidas entre adulto e criança – com início e fim determinados pela pesquisadora (Pedrosa, 2005).

Diante dos dados, foram observados inúmeros recursos sociocomunicativos utilizados por bebês, nas diferentes atividades propostas. Com a seleção dos momentos, foi possível verificar que os bebês em questão se utilizavam frequentemente do direcionamento do olhar para se expressarem e o sorriso como meios de estabelecer interações sociais com seus interlocutores, sendo esses dois recursos sociocomunicativos utilizados por todos os bebês, ao longo das observações.

Em seguida, o uso do corpo foi bastante evidenciado por meio de movimentos como, nesta ordem: dirigir-se a alguém, apontar, estender pernas e braços, esticar o corpo, entregar o brinquedo para o adulto, segurar as mãos do adulto. Embora a imitação seja considerada um recurso expressivo não verbal bastante utilizado por crianças, funcionando como contexto e veículo de apreensão de significados, ela foi pouco utilizada pelos bebês durante os períodos de observação.

No que se refere ao olhar como veículo de comunicação, verificamos o que Guimarães (2011) identificou enquanto realizava uma pesquisa com bebês em creches públicas do Rio de Janeiro. Segundo a autora, os bebês buscam o adulto com o olhar para se sentirem seguros e, quando se sentem seguros, dirigem-se a eles através de expressões corporais, tais como movimentar-se, ir ao encontro do adulto quando solicitada e tocar o corpo do adulto, por exemplo. Além disso, a referida autora defende a importância da experiência do olhar como algo que fortalece os vínculos afetivos entre adulto e crianças.

Percebe-se, ainda, que os diálogos foram essencialmente mediados pelo direcionamento do olhar, quando o adulto se colocou na posição de parceiro da criança. Além disso, outros tipos de linguagem sustentaram as relações sociais entre bebês e adulto, como o toque, a imitação, a fala do adulto, os sorrisos e balbucios da criança. Dessa forma, mais uma vez, destaca-se a importância do olhar como elemento na comunicação entre os parceiros.

O direcionamento do olhar é uma forma de se transmitir sinais socialmente relevantes, comportamentos estes considerados não-verbais. O olhar não é considerado simplesmente visão. O olhar sustentado geralmente indica interação social em potencial. Ao longo do primeiro ano de vida, é aprendido pelas crianças que a forma de olhar das outras pessoas costuma transmitir informações importantes e o contato ocular é uma ferramenta imprescindível para o estabelecimento da comunicação entre os seres humanos. (Elmôr, 2009, p. 27).

As crianças, em geral, costumam se interessar pelas movimentações sociais ocorridas na sala de referência e demonstram isso com olhares atentos. No entanto, não foi muito comum perceber a apropriação das educadoras em relação a esses momentos enquanto oportunidades de se relacionar com as crianças.

Além disso, presenciamos momentos de grande movimentação corporal das crianças, o que indica que as propostas planejadas para os bebês precisam considerar a necessidade intrínseca do movimento. Os bebês se comunicam de forma intensa com os adultos, expressando seus interesses e motivações: “é uma comunicação sem palavras, singular, em que o choro, o riso e o balbucio servem como meio de contato social, de comunicação difusa com outras pessoas” (Tristão, 2005, p.39).

O recurso comunicativo corporal utilizado pelos bebês em ocasiões interativas revela a concepção utilizada por pesquisadores que analisam a Sociologia do Corpo, como campo de estudo que defende o corpo enquanto expressão de sentimentos.

Nesse sentido, o corpo é visto não só como uma dimensão biológica em si, mas como veículo de contato com o mundo e com o outro (Le Breton, 2009). Dessa forma, para o referido autor, os processos de apropriação do tempo e do espaço são constituídos a partir das movimentações corporais.

Existir significa em primeiro lugar mover-se em determinado espaço e tempo, transformar o meio graças à soma de gestos eficazes, escolher e atribuir significado e valor aos inúmeros estímulos do meio graças às atividades perceptivas, comunicar aos outros a palavra, assim como um repertório de gestos e mímicas, um conjunto de rituais implicando a adesão dos outros. (Idem, 2009, p. 8).

Assim sendo, as movimentações realizadas pelos bebês nos permite concordar com Le Breton (2009) ao afirmar que o corpo produz sentidos e insere o sujeito ativamente em um determinado espaço social e cultural.

Na situação interativa descrita abaixo, é possível refletir sobre a importância do direcionamento do olhar e uso do corpo como meios de contato com o outro e que nos oportunizam algumas reflexões.



Figura 1: Yasmin conversa com a pesquisadora

A pesquisadora para de conversar com Yasmin e dirige o olhar para outras crianças. Yasmin produz sons que orientam a atenção da pesquisadora, que recomeça a conversar com a garota. Yasmin ri e chega perto da pesquisadora, colocando a mão no rosto dela. (Diário de Campo)

Nesta situação interativa, percebemos a iniciativa da criança em permanecer com o diálogo sem palavras. Enquanto a pesquisadora observa as outras crianças que retornam do banho para os berços, Yasmin começa a balbuciar e, assim, chama a atenção da pesquisadora, que se mostra socialmente responsiva e recomeça a interlocução com a garota. A troca de olhares e as conversas dirigidas à criança sustentam esse momento interativo. Yasmin sorri, balbucia, se apoia com um braço

na posição de engatinhar, e com o outro toca o rosto da pesquisadora, em resposta às investidas sociais da mesma.

Essa busca pelo contato físico com o adulto, apresentada por Yasmin a partir do toque no rosto da pesquisadora, foi analisada por Guimarães (2011) em um estudo com bebês. A autora percebeu que a criança buscava primeiramente pelo olhar do adulto. Depois do olhar, quando já se sentia segura, a criança efetuava a ação corporal de ir ao encontro do adulto, seja por meio do pedido pelo colo, seja pelo toque. Assim, o contato físico passa a ser analisado como maneira de se sentir presente e buscar uma relação afetiva. Além disso, “trata-se de uma experiência de confirmação e acolhida, alimento para diálogos mediados pelo corpo e para explorações posteriores” (Guimarães, 2011, p. 183).

Essas diferentes formas que os bebês se utilizam para se comunicar demonstram a ideia de que “o desenvolvimento das competências sociocomunicativas da criança começa a se dar desde que a criança nasce, quando ela encontra um mundo de relações sociais e penetra nele por meio de suas interações sociais” (Ramos, 2006, p. 25), conforme podemos observar na situação interativa a seguir, denominada “Era uma vez” que desencadeou em um planejamento de atividade considerando a motivação de um bebê em relação ao objeto livro.

SITUAÇÃO – Era uma vez...

Guilherme passeia pela sala e apanha um livro que encontrou no chão. Depois, o menino senta-se, começa a observar as figuras do livro e a folheá-lo. No outro lado da sala, estava a pesquisadora, interagindo com outras crianças. Quando ela percebe o interesse do garoto pelo livro, dirige-se até ele e o convida verbalmente para a leitura. Guilherme se levanta, apoiando uma das mãos no chão e com a outra segura o livro. Depois segue em direção à pesquisadora, que oferece o colo para o menino. O garoto senta nas pernas dela e ambos passam a vivenciar o momento da leitura do livro. Percebe-se que a criança está totalmente envolvida na história, com o olhar fixo nas imagens, atento para o que está sendo contado e aponta sempre que aparece uma imagem que ele acha interessante (Diário de campo).

No fluxo de eventos do episódio, os contatos sociais entre Guilherme e a pesquisadora se iniciam quando ela percebe que o garoto segura um livro na mão e o convida para sentar-se em seu colo para a leitura. O garoto demonstra aceitação do convite prontamente quando se levanta e leva o livro até ela, senta-se no colo dela e permanece prestando atenção na leitura até o final da história que está sendo narrada, indicando, por meio de gestos, seus interesses em participar daquele momento. O interesse de Guilherme no que foi proposto pela pesquisadora também pode ser verificado momentos depois, quando o garoto pega novamente o livro e mostra as figuras para a pesquisadora, indicando compartilhamentos.

Outra questão a ser observada é em relação à iniciativa do convite, que surge primeiramente a partir da observação da pesquisadora na criança. No entanto, passado algum tempo, é a própria criança que oferece o livro e aponta para as figuras, ações que foram interpretadas pela pesquisadora como um convite do garoto para ela reiniciar a história que já havia lido para ele. Nesse caso, podemos perceber que as iniciativas comunicativas surgem de ambos os parceiros envolvidos na situação interativa. Segundo Guimarães (2011), o ato de dar e receber, no contexto dos bebês, envolve aceitar e ser aceito.

O interesse de Guilherme pelo livro nos instigou a trazer para a sala de referência dos bebês outros livros, outras histórias. Dessa forma, escolhemos uma data para apresentar para as crianças a história dos bichinhos do fundo do mar. A organização do ambiente favorável ao desenvolvimento da contação da história teve a participação das educadoras, que colaboraram reorganizando a disposição dos berços, de forma que se ampliou o espaço de movimentação das crianças. As educadoras também participaram se envolvendo nas atividades propostas pela pesquisadora. Assim, ao mesmo tempo em que o livro utilizado oportunizou o contato da criança com o objeto, potencializou novas relações entre os adultos e com os pares de idade.

As próximas situações interativas caminham nessa linha de argumentação.

Isabel se aproxima de um dos livros. A menina senta, pega o livro de cabeça para baixo, observa as figuras, vira a página e aponta para os bichinhos do fundo do mar. A menina passa as páginas e observa o conteúdo que está presente nele.

Depois de passar alguns momentos sozinha com o livro, Isabel se dirige com ele para o local onde se encontra a educadora. A menina entrega o livro e a educadora passa a contar a história. Isabel aponta para as figuras, enquanto Yasmin N. observa. Momento de interação entre adulto e crianças mediado por um livro.

Vitória e Yasmin G. exploram o livro. Vitória vira o livro de um lado para o outro, o coloca no colo e o levanta. Yasmin G. se curva para frente e apoia os braços em cima do livro para observar as figuras do fundo do mar. Não há interferência direta de um adulto nesse momento.

A pesquisadora apresenta o livro para Yasmin V. A menina parece encantada com as figuras presentes nas páginas. Em seguida, o livro é entregue a Yasmin V., que permanece interessada em manipulá-lo. (Diário de campo)

Notamos que, com essas atividades de exploração dos livros, as crianças vão aos poucos ganhando novas competências. Essas competências são reveladas quando as crianças passam a se concentrar por um período maior de tempo observando o livro, quando apontam para as figuras, quando passam as páginas do livro e quando convidam um adulto para a leitura.

Assim, concluímos que “contada, lida, recriada, dramatizada, qualquer que seja a modalidade de expressão, a história faz parte do universo infantil [...] possui um poder de sedução e de centralização da atenção da criança incomparável com outras estratégias” (Francischini e Campos, 2008, p. 108).

As sequências interativas seguintes demonstram a participação das crianças em atividades de leitura coletiva. Assim, percebemos diferentes reações dos bebês em relação ao convite para participar das atividades que lhes foram dirigidas.

Alguns bebês participavam observando de longe, no colo das educadoras, como foi o caso de Anne. Outros se aproximavam engatinhando, caminhando e, apontando para as figuras do avental que a pesquisadora usava, como Isabel e Yasmin V.

Diante de tudo isso, os resultados apontam para a diversidade e a riqueza dos tipos e das características de recursos sociocomunicativos que os bebês podem fazer uso na relação com seus parceiros de idade e com adultos de referência. Além disso, foi possível verificar a capacidade relacional das crianças e o quanto elas são socialmente competentes para estabelecer vínculos com o outro, com os recursos de que dispõem (Ramos, 2006; 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no comportamento interativo observado, as crianças não participaram passivamente das atividades pedagógicas que lhes foram dirigidas. Elas também indicaram, através de seus recursos corporais, quais foram as atividades de que desejaram participar e rechaçaram aquelas das quais não gostaram, demonstrando seu protagonismo social desde bebês.

Visualizamos, a partir da pesquisa, os diferentes meios comunicativos utilizados pelos bebês durante o percurso investigativo, fato esse que nos ajudou a compreender a importância do educador como um adulto em quem a criança possa confiar e a quem se dirigir para construir relações sociais seguras.

Percebemos, assim, que os bebês possuem uma potência comunicativa que precisa ser valorizada e estimulada no ambiente do berçário, já que a construção da linguagem se dá a partir do estímulo a essas primeiras iniciativas da criança, como apontar, tocar, olhar, estender os braços, chorar, sorrir, entre outros. Logo, “a produção de linguagem da criança apresenta-se como continuidade de algo que brotou antes, provocando ressonância nas produções posteriores, conectada no coletivo” (Guimarães, 2011, p. 179).

Com isso, a complexidade do trabalho pedagógico com os bebês requer cada vez mais investimentos em formação inicial e continuada dos profissionais, que esteja contextualizada e atenta para as especificidades da docência com crianças

dessa faixa etária. Não se trata, porém, de acelerar o processo de escolarização dos bebês, mas sim de propor atividades que respeitem e impulsionem as potencialidades sociais e comunicativas das crianças.

Ao longo do processo de intervenção, observamos olhares atentos das professoras envolvidas e participação ativa durante as atividades propostas. Eventualmente, faziam observações importantes sobre os processos que ocorriam, apontando para uma validação dos recursos sociocomunicativos utilizados pelos bebês durante as atividades. O que mostra a importância na formação continuada dos docentes que atuam com bebês, de modo a validar e reconhecer a potência dos bebês e a sua participação social nas atividades que lhes são dirigidas. Esse reconhecimento parte de um olhar atento e de formação adequada dos profissionais.

Diferentemente do que nos conta a história das infâncias, é necessário construir uma escola verdadeiramente capaz de acolher e respeitar a criança que ali se encontra. Os bebês possuem saberes que muitas vezes não são reconhecidos pelos adultos pela dificuldade de percebê-los, compreendê-los como formas legítimas de conhecimentos. Portanto, o papel do adulto é crucial para a garantia da participação social dos bebês, pois é ele quem reconhece e garante que os recursos sociocomunicativos utilizados pelos bebês sejam considerados no planejamento das práticas pedagógicas que lhes são dirigidas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. As especificidades da ação pedagógica com bebês. In: I Seminário Nacional: currículo em movimento – perspectivas atuais, 2010, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: MEC, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6670-asespecificidadesdaacao pedagogica&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 jun. 2025.

BARBOZA, Georgete de Moura. **Horizonte de possibilidades na humanização de bebês em um contexto de vida coletiva**: entre retalhos e narrativas. 2021. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/ Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2021.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é sociologia da infância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação – Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB Nº 5/2009 – Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2009.

Damiani, M. F., Rochefort, R. S., Castro, R. F. de, Dariz, M. R., & Pinheiro, S. S. (2013). Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. *Cadernos De Educação*, (45), 57-67. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i45.3822>. Acesso em 10 jan. 2026.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.26, n.91, Maio/Ago. 2005. p. 351-360. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GdNZMSwhJTXwFJ3RhbfYjpJ/?lang=pt>. Acesso em: 10 Jun. 2025.

ELMÔR, Larissa de Negreiros Ribeiro. **Recursos comunicativos utilizados por bebês em interação com diferentes interlocutores, durante processo de adaptação à creche**: um estudo de caso. Universidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado). Ribeirão Preto-SP, 2009.

FRANCISCHINI, Rosângela; CAMPOS, Herculano Ricardo. Crianças e infâncias, sujeitos de investigação: bases teórico-metodológicas. In: CRUZ, Silva Helena Vieira (Org). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008.

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre bebês e adultos na creche**: o cuidado como ética. São Paulo: Cortez, 2011.

KUHLMANN JR., Moisés. **Infância e educação infantil**: Uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v.18, n.3, p. 431-442, 2005.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes Ramos. **Investigando o desenvolvimento da linguagem no ambiente da creche: o que falam as crianças do berçário?** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes Ramos. **A criança em interação social no berçário da creche e suas interfaces com a organização do ambiente pedagógico**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

SILVA, Márcia Vanessa. **As formas de participação social dos bebês nas práticas cotidianas vivenciadas no contexto de uma creche municipal**. 2017. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza (CE), 2017.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. Criança pede respeito: temas em educação infantil. In: MARTINS FILHO, José (Org). [et al]. **"Você viu que ele já está ficando de gatinho? Educadoras de creches e desenvolvimento infantil"**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 27-62.